

Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico (*)

MARIA JOSÉ D. MARTINS (**)

1. INTRODUÇÃO

O tema da violência escolar tem sido objecto de uma preocupação crescente nas últimas duas décadas, quer por parte da sociedade em geral, quer por parte da comunidade educativa, em particular. Paralelamente a esta preocupação social verificou-se um grande aumento da investigação sobre este tema, em particular sobre um tipo especial de violência escolar – o *bullying* – termo de origem inglesa que tem sido utilizado para designar determinadas condutas de agressão/vitimação que ocorrem entre pares, em que o abuso de alguém mais forte para com alguém mais fraco, ou o abuso de um grupo sobre uma vítima indefesa parece ser a característica mais saliente (ver Olweus, 1995; Smith & Morita, 1999). Este tipo

de fenómeno tem também sido designado pelos autores ibéricos por *maus tratos entre pares* (ver Almeida & Del Bairro, 2002; Ortega Ruiz & Mora-Merchán, 2000).

Smith e Morita (1999) consideram que o «*bullying*» é uma subcategoria do comportamento agressivo; mas de um tipo particularmente pernicioso, uma vez que é dirigido, com frequência repetidas vezes, a uma vítima que se encontra incapaz de se defender a si própria eficazmente. A criança vitimada pode estar em desvantagem numérica, ou só entre muitos, ser mais nova, menos forte, ou simplesmente ser menos autoconfiante. A criança ou crianças agressivas exploram esta oportunidade para infligir dano, obtendo quer gratificação psicológica, quer estatuto no seu grupo de pares, ou, por vezes, obtendo mesmo ganhos financeiros directos extorquindo dinheiro ou objectos aos outros» (Smith & Morita, 1999, p. 1).

O *bullying* ou os maus tratos entre companheiros manifestam-se de diversas formas, os comportamentos que podem inserir-se nesta categoria são, segundo vários autores (ver Smith & Sharp, 1995; Olweus, 1995; Olweus, 1999a), essencialmente de três tipos:

- Directo e físico, inclui bater ou ameaçar fazê-lo; dar pontapés, roubar objectos que pertencem aos colegas, estragar os objectos dos colegas, extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo, forçar comportamentos sexuais ou amea-

(*) Este artigo constitui parte de um capítulo da investigação empírica realizada no âmbito do doutoramento que a autora apresentou na Universidade da Extremadura (Espanha), sob orientação do Professor Doutor Vicente Castro e da Professora Doutora Maria José Diaz-Aguado, aos quais se agradece a disponibilidade e a orientação que tornaram possível este trabalho. Agradece-se igualmente a todos os adolescentes, professores e directores executivos que participaram neste estudo.

(**) Departamento de Ciências da Educação, Escola Superior de Educação de Portalegre. E-mail: mariajmartins@mail.esep.ipportalegre.pt

- car fazê-lo, obrigar ou ameaçar os colegas a realizar tarefas servis contra a sua vontade;
- Directo e verbal, que engloba insultar, chamar nomes ou pôr alcunhas desagradáveis, gozar, fazer reparos racistas e/ou que salientam qualquer defeito ou deficiência dos colegas;
- Indirecto, que se refere a situações como excluir alguém sistematicamente do grupo de pares, ameaçar com frequência a perda da amizade ou a exclusão do grupo de pares como forma de obter algo do outro ou como retaliação de uma suposta ofensa prévia, espalhar boatos sobre os atributos e/ou condutas de alguém com vista a destruir a sua reputação, em suma manipular a vida social dos pares.

O problema da violência escolar parece ser um problema que afecta muitas crianças e adolescentes. Em particular o envolvimento no *bullying* (quer como vítima, quer como agressor) parece afectar entre 15% (segundo os estudos de Olweus [1997, 1999b] com população escandinava) a 33% (segundo estudos de Craig & Pepler [2000] com população canadiana) do total dos alunos que frequentam os vários estabelecimentos de ensino. Estes dados têm sido repetidamente obtidos através de diferentes metodologias e instrumentos.

Vários estudos (Craig & Pepler, 2000; Salmivalli, Lappalainen & Lagerspetz, 1998) sugerem que este é um fenómeno grupal, no qual é possível identificar vítimas; agressores; sujeitos que são simultaneamente vítimas e agressores (vítimas provocadoras) e ainda observadores cujo papel pode variar do apoio aos agressores principais, até à ajuda à vítima, passando pela indiferença e menos frequentemente pela ignorância das ocorrências.

A agressão e a vitimação parecem ter consequências nefastas para os principais envolvidos no fenómeno *bully-vítima*, quer a curto prazo, quer a longo prazo. Assim, as vítimas tendem a exibir um autoconceito geralmente desfavorável; baixa auto-estima; problemas de saúde física (sintomas psicossomáticos) e de saúde mental (sintomas depressivos, insegurança e ansiedade); e tendem ainda a ser rejeitadas pelos pares. O sentido causal destas relações não é claro, mas a maioria dos estudos sugere um círculo vicioso, no qual estes problemas parecem predispor à vitimação e são, sem dúvida, por ela seriamente agravados (ver Egan

& Perry, 1998). Relativamente aos agressores, os estudos sugerem que, com a idade, estes indivíduos podem evoluir no sentido da delinquência e criminalidade mais séria na vida adulta (ver Olweus, 1997). Em contextos sociais em que a agressão não é valorizada estes alunos tendem também a ser rejeitados pelos pares, porém em contextos sociais que valorizam a agressão tendem a ter um estatuto sociométrico controverso, médio ou mesmo popular. Os dados relativos ao autoconceito dos agressores não são conclusivos, uns apontando no sentido de um autoconceito favorável, outros apontando no sentido de um autoconceito desfavorável. É provável que os agressores construam o seu autoconceito a partir do poder e protagonismo social que as condutas agressivas lhes fornecem, face aos pares, e que percebam a sua competência social também em função do facto do contexto social em que estão inseridos valorizar ou não a agressão. Muitas das crianças e adolescentes agressivos são diagnosticados com quadros do foro clínico, como o distúrbio de conduta e/ou o défice de atenção e hiperactividade (de acordo com a classificação proposta pela DSM-IV).

Tem sido também repetidamente identificado um grupo de alunos que são simultaneamente vítimas e agressores, que parecem situar-se numa situação de maior risco psicossocial, por apresentarem conjuntamente, e de forma mais acentuada, as características das vítimas e dos agressores, atrás descritas (ver Ortega Ruiz & Mora-Merchán, 2000).

A maioria dos estudos sugere acentuadas diferenças com a idade e entre os sexos, no que respeita à manifestação das condutas agressivas (ver Olweus, 1997; Whithney & Smith, 1993).

Assim, os alunos mais novos (frequentando os 1.º e 2.º ciclos do ensino básico) tendem a exibir mais agressão física e directa; enquanto que nos alunos mais velhos (frequentando o 3.º ciclo do ensino básico e o ensino secundário) a agressão física diminui e surgem formas de agressão de carácter mais relacional e indirecto (ver Olweus, 1997; Whithney & Smith, 1993).

A maioria dos estudos aponta no sentido de que a agressão seria claramente superior nos rapazes comparativamente às raparigas, mas estudos recentes apontam no sentido da agressão se manifestar de forma diferente nos dois sexos. Assim, os rapazes parecem exibir mais agressão física e

directa e as raparigas parecem exibir mais agressão relacional e indirecta (ver Crick 1997, 2000). Vários estudos parecem também fornecer indicações no sentido de que a vitimação tende a decrescer com a idade, enquanto que a agressão parece manter-se mais estável através do ciclo de vida (Smith, Madsen & Moody, 1999).

O facto do *bullying* ser um fenómeno grupal, sugere que os programas de prevenção da violência escolar devem dirigir-se mais aos grupos (escolas, turmas), do que aos indivíduos; e o facto de se manifestar sob diferentes formas – físico, verbal e indirecto – sugere que as estratégias de intervenção ou prevenção deverão levar em consideração o tipo de *bullying* que pretendam prevenir ou erradicar.

Assim, a investigação realizada nas últimas duas décadas, em vários países, tem colocado em evidência o carácter transcultural e transnacional do problema (Smith & Brain, 2000).

Os objectivos deste estudo eram:

- Obter dados que permitissem conhecer a frequência dos vários tipos de condutas de agressão e de vitimação que eventualmente ocorriam entre adolescentes que frequentavam os 7.º e 9.º anos do 3.º ciclo do ensino básico e o 11.º ano do ensino secundário de uma cidade do Norte Alentejo;
- Verificar se factores como o género, o nível de escolaridade e o nível socioeconómico estavam ou não associados a este fenómeno;
- Conhecer as percepções que os adolescentes têm das atitudes de alunos e professores quando confrontados com este tipo de problemas;
- Comparar os dados obtidos com os de outros estudos realizados em vários países (nomeadamente europeus) sobre o problema dos maus tratos entre companheiros, nomeadamente o de Diaz-Aguado, Arias e Seoane (2004).

No estudo empírico que conduzimos estudámos mais as experiências de vitimação e de agressão do que propriamente o *bullying*, na medida em que este é apenas uma parte das condutas agressivas que ocorrem na escola. Além disso, alguns estudos empíricos (e.g., Roland & Idsoe, 2001) sugerem que a diferença entre *bullying* e agressão é na realidade mais conceptual e artificial do que propriamente empírica. Isto porque Roland e Idsoe (2001) verificaram que, consoante a idade

e o género, o *bullying* parecia relacionar-se com diferentes formas de agressão. Na realidade o *bullying* é geralmente definido como uma conduta que se caracteriza pela repetição (ver Olweus, 1997; Smith & Morita, 1999). No entanto, a ocorrência de certas condutas agressivas uma única vez pode vir a ter consequências tão graves para os envolvidos quanto o *bullying*. Consideramos também que os modelos explicativos da agressão são provavelmente os mesmos que explicam o *bullying*, tal como sugerem Crick e Dodge (1999) em resposta à proposta de Sutton, Smith e Swettenham (1999) de considerar o *bullying* um caso especial do comportamento agressivo que exigiria modelos conceptuais e teorias explicativas diferentes dos propostos para o comportamento agressivo, em geral.

Loeber e Hay (1997) definem a conduta agressiva como «aquela que inflige dano físico ou psicológico ao outro; e/ou perda ou dano de propriedade, podendo ou não constituir uma infracção às leis vigentes» (p. 373). Coie e Dodge (1998, p. 781) salientam ainda, por oposição aos autores precedentes, o papel da intenção subjacente a esse dano, como um aspecto importante a levar em consideração na definição. Loeber e Hay (1997) distinguem também “actos de agressão menor” e “actos de violência” consoante o grau de gravidade das consequências da conduta agressiva.

Assim, o nosso estudo incide sobre os conceitos mais abrangentes de agressão e de vitimação, sem por isso excluir as situações de *bullying*, na medida em que os autores são unânimes em considerar que este tipo de situação é apenas uma das formas de agressão que podem ocorrer no contexto escolar.

2. METODOLOGIA

Efectuou-se um estudo transversal, que incluiu os 3 níveis de escolaridade mencionados, tendo os sujeitos idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos. A média das idades era de 14.7 anos e o desvio padrão 1.8.

Aplicou-se o questionário de exclusão social e violência escolar (QEVE) adaptado de Diaz-Aguado et al. (2004) a 572 sujeitos (286 do sexo masculino e 286 do sexo feminino). Trata-se de um questionário de comportamentos referidos pelo próprio (*self-report*) que inclui 3 subescalas que

avaliavam respectivamente condutas de vitimação, de agressão e de observação de vitimação/agressão na escola. Os alfas de Cronbach das três subescalas foram respectivamente: 0.8409; 0.8040 e 0.8943, o que revela uma boa consistência interna, logo uma elevada fidelidade do instrumento. Cada uma das 3 subescalas inclui 4 itens que avaliam a exclusão social ou vitimação/agressão indirecta (e.g., ignorar alguém, falar mal de alguém); 2 itens que avaliam a agressão verbal (e.g., insultar, chamar nomes) e 9 itens que avaliam vitimação/agressão física de vários níveis de gravidade (e.g., bater, ameaçar para meter medo, ameaçar com armas). Antes destas 3 subescalas o questionário inicia-se com 12 questões sobre o modo como os adolescentes se sentem em diferentes lugares e situações, bem como nos relacionamentos que estabelecem com pessoas significativas nas suas vidas (pai, mãe, amigos, colegas, professores). O questionário inclui também itens sobre as percepções dos adolescentes relativamente: a quem ajuda quando o jovem está numa situação de vitimação ou agressão, bem como sobre as atitudes dos professores e do próprio face a este tipo de situações.

Os resultados foram ainda analisados em função das diferenças de: género; nível de escolaridade e grupo socioeconómico, no que se refere à frequência das condutas de vitimação/agressão e aos seus tipos considerados – físico, verbal e indirecto ou relacional. Com vista à caracterização do nível socioeconómico dos sujeitos seguiu-se a proposta feita por Simões (1994, pp. 281-286) que prevê uma classificação em três níveis: baixo, médio e alto. Segue-se a descrição de cada um desses níveis e do número de sujeitos em cada um deles:

- Baixo, inclui os trabalhadores assalariados, por conta de outrem, trabalhadores não especializados da indústria e da construção civil, empregados de balcão no pequeno comércio, contínuos, cozinheiros, empregados de mesa, empregados de limpeza, pescadores, rendeiros, trabalhadores agrícolas, vendedores ambulantes, trabalhadores especializados da indústria (mecânicos, electricistas); com habilitações até ao 8.º ano de escolaridade (234 sujeitos, ou seja, 40,9% da amostra).
- Médio, integra profissionais técnicos inter-

mediários independentes, pescadores proprietários de embarcações, empregados de escritório de seguros e bancários, agentes de segurança, contabilistas, enfermeiros, assistentes sociais, professores do ensino primário e secundário, comerciantes e industriais; com habilitações do 9.º ano ao 12.º ano, cursos médios e superiores (239 sujeitos, ou seja, 41,7% da amostra).

- Elevado, aglomera grandes proprietários ou empresários agrícolas, do comércio e da indústria, quadros superiores da administração pública, do comércio e da indústria e de serviços, profissões liberais (gestores, médicos, magistrados, arquitectos, engenheiros, economistas, professores do ensino superior), artistas, oficiais superiores das forças militares e militarizadas, pilotos da aviação); com habilitações que vão do 4.º ano de escolaridade (de modo a incluir grandes proprietários e empresários) à licenciatura, mestrado e doutoramento (51 sujeitos, ou seja 8,9% da amostra).

Relativamente a 48 sujeitos (8,4% da amostra) não foi possível identificar o nível socioeconómico.

3. RESULTADOS

3.1. *Análise factorial das variáveis do QEVE*

A fim de verificar se a estrutura da escala se assemelhava à da escala original de Diaz-Aguado et al. (2004), e de examinar as várias dimensões da escala, realizaram-se análises factoriais dos diferentes blocos de condutas do questionário QEVE (vitimação na escola, agressão na escola, observação de vitimação/agressão na escola), conforme sugestão de Diaz-Aguado et al. (2004). Em seguida apresentam-se os resultados das análises factoriais de cada um dos blocos (subescalas da vítima, do agressor e do observador, respectivamente).

Exploraram-se várias soluções com 2 ou 3 factores, para a escala da vítima, com vista a identificar uma estrutura o mais próxima possível da autora da escala. Optou-se pela solução dos dois factores, atendendo ao *scree test* e a razões teóricas

cas, tendo-se optado pela rotação Promax (oblíqua), dada a correlação teórica existente entre as variáveis.

A solução dos dois factores explicou 46,76% da variância total, quantidade razoável, ligeiramente abaixo da obtida pela autora da escala. Na Tabela 1 apresentam-se apenas as saturações dos itens nos factores superiores a 0,25, tendo-se retirado da tabela todas as saturações (positivas ou negativas) abaixo desse valor.

A correlação entre o primeiro factor e o segundo factor foi positiva e relativamente elevada: 0,542.

O exame das saturações dos itens que se encontram na Tabela 1, juntamente com a análise dos factores obtidos por Diaz-Aguado et al. (2004), conduziu-nos à constituição do agrupamento dos conjuntos de itens que a seguir se descreve.

Factor 1 – exclusão social e agressão verbal

Constitui-se com os seguintes seis itens: 13.B

ignoram-me; 14.B impedem-me de participar nas actividades; 15.B falam mal de mim; 16.B rejeitam-me; 17.B insultam-me e gozam-me; 18.B chamam-me nomes que me ofendem e ridicularizam.

Factor 2 – agressão física

Constitui-se com os seguintes 9 itens: 19.B escondem-me coisas; 20.B estragam-me coisas; 21.B roubam-me coisas; 22.B batem-me; 23.B ameaçam-me para me meter medo; 24.B obrigam-me a fazer coisas que não quero; 25.B intimidam-me com frases ou insultos de carácter sexual; 26.B obrigam-me a participar em situações de carácter sexual; 27.B ameaçam-me com armas.

No que se refere à subescala do agressor exploraram-se várias soluções com 2 e 3 factores, para a escala do agressor, e optou-se pela solução de dois factores, similar à solução obtida pela autora da escala, atendendo ao *scree test* e a razões teóricas, tendo-se optado pela rotação

TABELA 1
Matriz factorial rodada (Promax) dos itens da escala da vítima do QEVE. Matriz de configuração (“Pattern Matrix”^a)

* Itens da escala da vítima do QEVE	Factor 1	Factor 2
17.B - Os meus colegas insultam-me e gozam-me	0,839	
16.B - Os meus colegas rejeitam-me	0,829	
18.B - Os meus colegas chamam-me nomes que me ofendem e ridicularizam	0,692	0,403
13.B - Os meus colegas ignoram-me	0,651	
15.B - Os meus colegas falam mal de mim	0,610	
14.B - Os meus colegas impedem-me de participar nas actividades	0,585	
24.B - Os meus colegas obrigam-me a fazer coisas que eu não quero com ameaças (trazer-lhes dinheiro,...)		0,883
26.B - Os meus colegas obrigam-me através de ameaças a ter comportamentos ou participar em situações de carácter sexual...		0,866
25.B - Os meus colegas intimidam-me com frases ou insultos de carácter sexual		0,777
20.B - Os meus colegas estragam-me coisas		0,591
21.B - Os meus colegas roubam-me coisas		0,589
23.B - Os meus colegas ameaçam-me para me meter medo	0,268	0,586
22.B - Os meus colegas batem-me	0,429	0,416
19.B - Os meus colegas escondem-me coisas	0,286	0,329
27.B - Os meus colegas ameaçam-me com armas		0,268

Legenda: * Método de extracção: Análise dos componentes principais
Método de rotação: Promax com rotação com normalização Kaiser
^a A rotação convergiu em três interacções.

TABELA 2
Matriz factorial rodada (Promax) dos itens da escala do agressor do QEVE. Matriz de configuração ("Pattern Matrix"^a)

* Itens da escala do agressor do QEVE	Factor 1	Factor 2
41.C - Obriguei um colega a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual, ...	0,907	
40.C - Intimidei um colega com frases ou insultos de carácter sexual	0,906	
39.C - Obriguei, através de ameaças um colega a fazer coisas que não quer (trazer dinheiro, ...)	0,905	
38.C - Ameacei um colega para lhe meter medo	0,707	
36.C - Roubei as coisas de um colega	0,671	
42.C - Ameacei um colega com armas	0,662	
35.C - Estraguei as coisas de um colega	0,515	0,289
37.C - Bati num colega	0,448	
30.C - Falei mal de um colega		0,731
32.C - Insultei e/ou gozei um colega		0,710
28.C - Ignorei um colega		0,693
31.C - Rejeitei um colega		0,609
33.C - Chamei nomes que ofendem e ridicularizam um colega		0,569
29.C - Impedi um colega de participar nas minhas actividades		0,518
34.C - Escondi as coisas de um colega		0,258

Legenda: * Método de extracção: Análise dos componentes principais
Método de rotação: Promax com rotação com normalização Kaiser
^a A rotação convergiu em três interacções.

Promax (oblíqua), dada a correlação teórica existente entre as variáveis.

A solução de dois factores explicou 48,053% da variância total, um valor razoável, um pouco inferior ao obtido pela autora da escala. Na Tabela 2 apresentam-se apenas as saturações dos itens nos factores superiores a 0,25, tendo-se retirado da tabela todas as saturações (positivas ou negativas) abaixo desse valor.

A correlação entre o primeiro e o segundo factor foi positiva e razoável: 0,415.

O exame das saturações dos itens que se encontram na Tabela 2, juntamente com a análise dos factores de Díaz-Aguado et al. (2004), conduziu-nos à constituição dos conjuntos de itens que se apresentam em seguida, como podendo definir cada factor.

Factor 1 – agressão física

Constitui-se com os seguintes 8 itens: 35.C estraguei coisas; 36.C roubei; 37.C bati; 38.C ameacei para meter medo; 39.C obriguei, através de amea-

ças, a fazer coisas que não quer; 40.C intimidei com frases e insultos de carácter sexual; 41.C obriguei a ter comportamentos e a participar em situações de carácter sexual; e 42.C ameacei com armas.

Factor 2 – exclusão social e agressão verbal

Constitui-se com os seguintes 7 itens: 28.C ignorei um colega; 29.C impedi de participar nas minhas actividades; 30.C falei mal; 31.C rejeitei; 32.C insultei ou gozei; 33.C chamei nomes que ofendem e ridicularizam; 34.C escondi coisas.

No que concerne à subescala do observador, exploraram-se várias soluções com 2 e 3 factores, para a escala do observador e optou-se pela solução de três factores, atendendo ao *scree test*, e a razões teóricas, utilizou-se mais uma vez a rotação Promax (oblíqua), dada a correlação teórica existente entre as variáveis.

A solução dos três factores explicou 62,928% da variância total, valor elevado próximo do obti-

do pela autora da escala. Na Tabela 3 apresentam-se apenas as saturações dos itens nos factores superiores a 0,25, tendo-se procedido como nos casos anteriores.

As correlações obtidas entre os factores foram de 0,504 entre o factor 1 e o factor 2; de 0,481 entre o factor 1 e o factor 3; e de 0,265 entre o factor 2 e o factor 3, ou seja, duas são razoáveis e uma é baixa.

O exame das saturações dos itens que se encontram na Tabela 3, juntamente com a análise dos factores obtidos por Diaz-Aguado et al. (2004), conduziu-nos à constituição dos conjuntos de itens que se apresentam em seguida, como podendo definir cada factor.

Factor 1 – violência com agressão menor

Constitui-se com 5 itens: 49.D esconderem coisas; 50.C estragarem coisas; 51.D roubarem; 52.D baterem; 53.D ameaçarem para meter medo.

Factor 2 – exclusão social e agressão verbal

Constitui-se com os seguintes 6 itens: 43.D ignorarem um colega; 44.D impedirem de participar nas actividades; 45.D falarem mal de; 46.D rejeitarem; 47.D insultarem e gozarem; 48.D chamarem nomes que ofendem e ridicularizam.

Factor 3 – violência com agressão grave

Constitui-se com os seguintes 4 itens: 54.D obrigarem com ameaças a fazer coisas que não quer; 55.D intimidarem com frases e insultos de carácter sexual; 56.D obrigarem a comportamentos ou participar em situações de carácter sexual; e 57.D ameaçarem com armas.

Em resumo, os factores obtidos para cada uma das três subescalas são bastante similares, embora não completamente idênticos, aos obtidos por Diaz-Aguado et al. (2004), utilizando o mesmo instrumento com adolescentes da região de Madrid. Nas duas primeiras subescalas ficou evi-

TABELA 3
Matriz factorial rodada (Promax) dos itens da escala do observador do QEVE. Matriz de configuração (“Pattern Matrix”^a).

* Itens da escala do observador do QEVE	Factor 1	Factor 2	Factor 3
51.D - Roubarem as coisas de um colega	0,856		
50.D - Estragarem as coisas de um colega	0,845		
49.D - Esconderem as coisas de um colega	0,735		
53.D - Ameaçarem um colega para lhe meter medo	0,703		
52.D - Baterem em um colega	0,678		
43.D - Ignorarem um colega		0,810	
45.D - Falarem mal de um colega		0,803	
46.D - Rejeitarem um colega		0,755	
47.D - Insultarem e gozaram um colega		0,702	
44.D - Um colega ser impedido de participar em actividades		0,686	
48.D - Chamarem nomes que ofendem e ridicularizam um colega	0,475	0,484	
56.D - Obrigarem um colega a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual...			0,901
55.D - Intimidarem um colega com frases ou insultos de carácter sexual			0,824
54.D - Obrigarem com armas um colega a fazer coisas que não quer (trazer dinheiro, ...)	0,436		0,581
57.D - Ameaçarem um colega com armas	0,278		0,575

Legenda: * Método de extracção: Análise dos componentes principais
Método de rotação: Promax com rotação com normalização Kaiser

^a A rotação convergiu em seis interações.

dente um factor que remete predominantemente para a agressão física e um outro que remete mais para agressão verbal e relacional (o factor que denominámos exclusão social).

3.2. Análises descritivas das diferentes partes do questionário

No Gráfico 1 apresentam-se as frequências das respostas à pergunta sobre como se sentem em diferentes lugares e situações, bem como em relação a diversas pessoas.

A leitura do gráfico indica-nos que as pontuações estão todas acima da média teórica que é 4 (os jovens assinalavam alternativas de 1 – *muito mal* a 7 – *muito bem*). Contudo, as pontuações mais baixas relacionam-se com o contexto escolar e com os professores.

No Gráfico 2 apresenta-se um resumo dos comportamentos relativos a ter vivido situações de vitimação na escola. Uma vez que as alternativas de resposta eram 4 (1=nunca; 2=algumas vezes; 3=muitas vezes; 4=quase sempre), seleccionaram-

-se apenas as percentagens somadas relativas às alternativas de resposta *algumas vezes* ; *muitas vezes* e *quase sempre* , tendo-se logicamente excluído a alternativa *nunca* .

Como pode observar-se no Gráfico 2, as situações de vitimação mais frequentes são as associadas à exclusão social e à agressão verbal, com excepção da situação “p. 19, escondem-me coisas” (51%) que foi a segunda mais escolhida. Assim, as alternativas que ocorrem com mais frequência são: “p. 15, falam mal de mim” (63%); “p. 19, escondem-me coisas” (51%); “p. 13, ignoram-me” (45%); “p. 17, insultam-me e gozam-me” (22%); “p. 14, impedem-me de participar nas suas actividades” (20,6%); “p. 16, rejeitam-me” (19%); “p. 18, chamam-me nomes que me ofendem e ridicularizam” (16,6%). Estas tendências são similares às encontradas por Diaz-Aguado et al. (2004) num estudo com adolescentes madrilenos, à excepção da alternativa “escondem-me coisas” que foi mais escolhida no nosso estudo do que no da autora.

Relativamente a outras formas de vitimação,

GRÁFICO 1
Médias das perguntas relativas a “Como te sentes...”

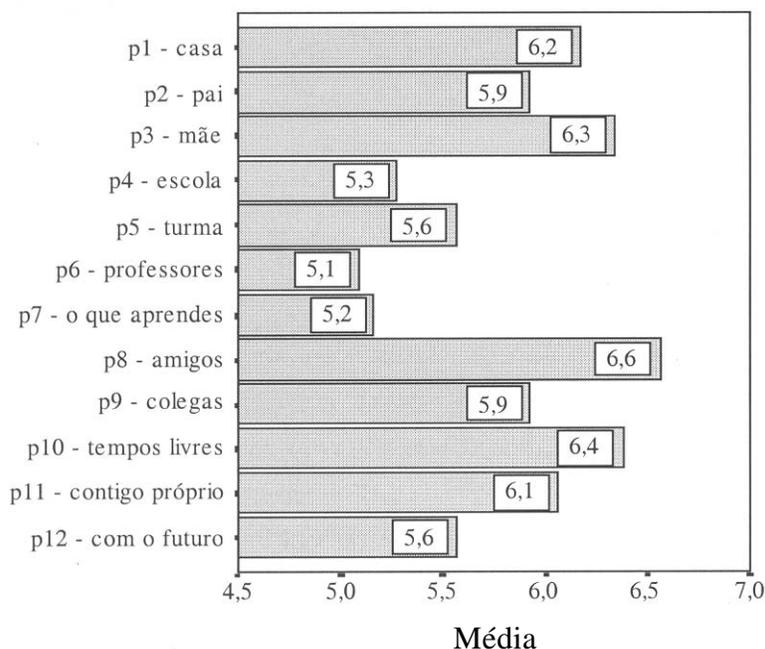
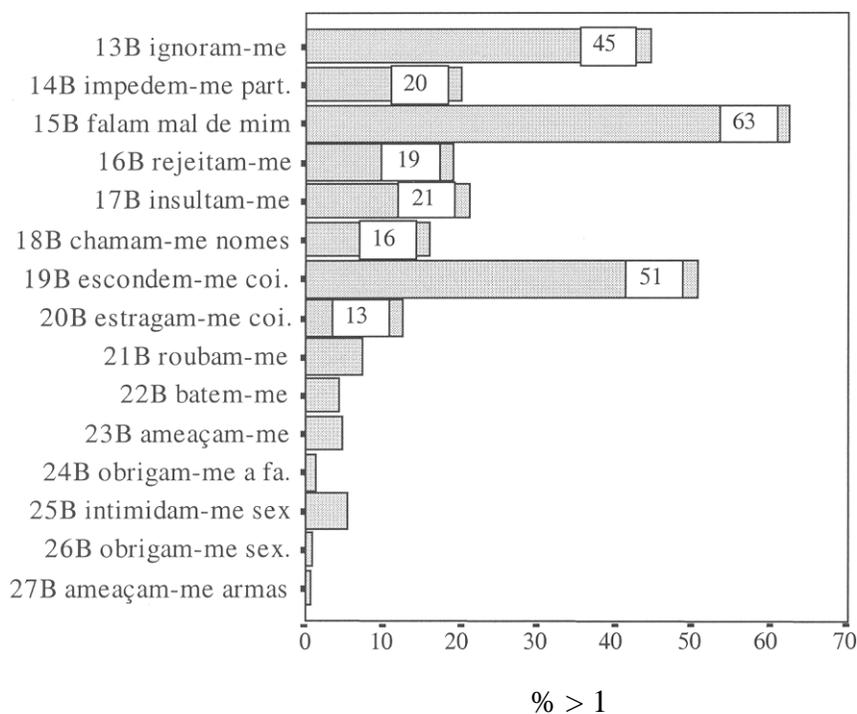


GRÁFICO 2

Comportamentos relativos à experiência de ser vítima na escola (algumas vezes, muitas vezes ou quase sempre)



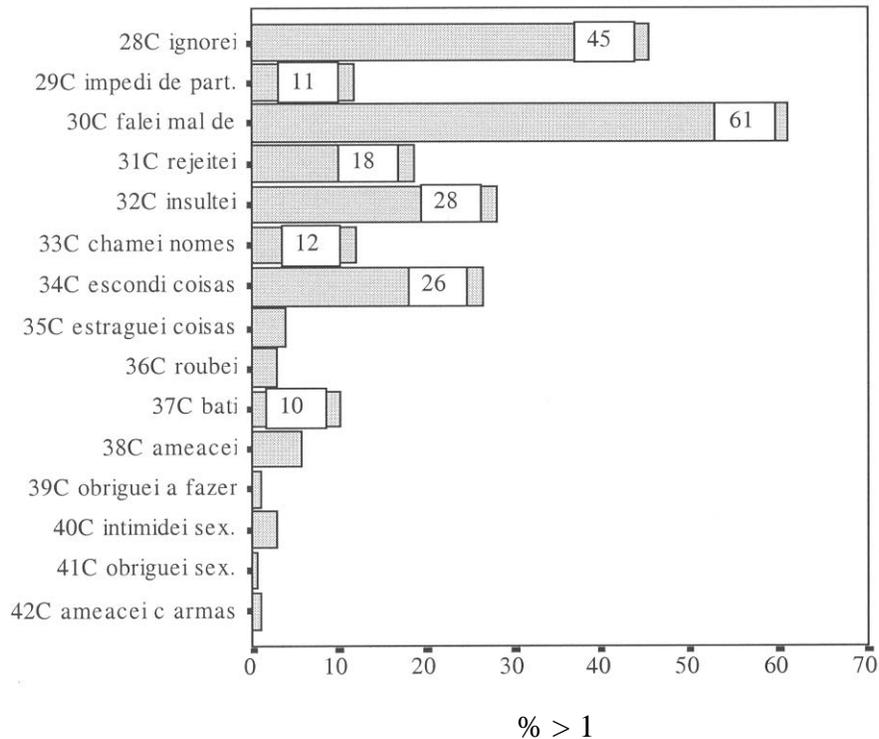
há ainda a considerar que alguns sujeitos passam por situações do tipo “p. 20, estragam-me coisas” (12,7%); “p. 21, roubam-me” (7,6%); “p. 25, intimidam-me com insultos de carácter sexual” (5,4%); “p. 23, ameaçam-me para me meter medo” (5,4%); “p. 22, batem-me” (4,5%); “p. 24, obrigam-me a fazer coisas que não quero” (1,2%); “p. 26, obrigam-me a comportamentos de carácter sexual” (1%). Apesar de menores, estas percentagens são preocupantes porque remetem para formas de violência mais graves que ocorrem nas escolas básicas 2/3 e nas escolas secundárias. A única situação em que as alternativas “muitas vezes” e “quase sempre” não foram utilizadas foi a situação “p. 27, ameaçam-me com armas”, que registou a percentagem mais baixa e apenas na alternativa “algumas vezes” (0,7%, correspondente a 4 sujeitos).

Em seguida apresenta-se o Gráfico 3 com um

resumo dos comportamentos relativos à agressão na escola, tendo-se seleccionado apenas as percentagens somadas relativas às alternativas de resposta *algumas vezes; muitas vezes e quase sempre*.

As percentagens relativas às condutas agressivas na escola são muito similares às percentagens relativas às condutas da vítima (como pode constatar-se pela comparação entre os Gráficos 2 e 3). As condutas “p. 32, insultei” e “p. 37, bati” são superiores nos agressores por comparação às vítimas (provavelmente em menor número nessas situações), porém as condutas “p. 34, escondi coisas” e “p. 35, estraguei coisas” são bastante inferiores nos agressores por comparação às vítimas. As condutas relativas a violência com agressões graves são muito similares, o que confirma a necessidade de preocupação com a existência dessas condutas na escola. As cinco condutas mais frequentes entre os agressores foram: “p. 30, fa-

GRÁFICO 3
Comportamentos relativos à experiência de ser agressor na escola (algumas vezes, muitas vezes ou quase sempre)



lei mal de um colega” (61%); “p. 28, ignorei um colega” (45%); “p. 32, insultei e gozei” (28%); e “p. 34, escondi coisas” (26%); “p. 31, rejeitei” (18%), ou seja, tal como no caso da vitimação as formas de agressão mais frequentes são a exclusão social e a agressão verbal (ver Tabela 12).

No Gráfico 4 apresenta-se um resumo dos comportamentos relativos a ter observado situações de vitimação/agressão na escola, do mesmo modo que nos casos anteriores.

As condutas referentes à observação de situações de vitimação/agressão na escola apresentam percentagens superiores, quer às condutas da vítima, quer às condutas do agressor, relativamente a todas as condutas listadas no questionário. Destacam-se, em particular, a exclusão social e a violência com agressão menos grave, no entanto, embora de forma não tão saliente, esta tendência mantém-se também para as condutas que reflectem vio-

lência com agressões graves. As condutas mais referidas pelos observadores foram: “p. 45, falar mal de um colega” (67%); “p. 43, ignorarem um colega” (52%); “p. 47, insultarem” (48%); “p. 49, esconderem coisas” (39%); “p. 46, rejeitarem” (38%); e “p. 48, chamarem nomes que ofendem e ridiculizam” (29%), ou seja, as condutas mais observadas foram as relativas à exclusão social e à agressão verbal, tendência que vai no mesmo sentido das outras duas escalas.

Destacamos o facto de, na nossa investigação, a exclusão social ou agressão indirecta, em particular, a conduta “falar mal de”, ser a mais frequente nas três escalas (vitimação, agressão e observação) consideradas, contrariamente ao que acontecia em outros estudos (e.g., Olweus, 1999a, 1999b; e Whitney e Smith, 1993), nos quais a agressão verbal era a mais frequente. Isso pode dever-se ao facto da nossa amostra incluir apenas adoles-

GRÁFICO 4
Comportamentos relativos à situação de observador de vitimação/agressão na escola
(algumas vezes, muitas vezes ou quase sempre)

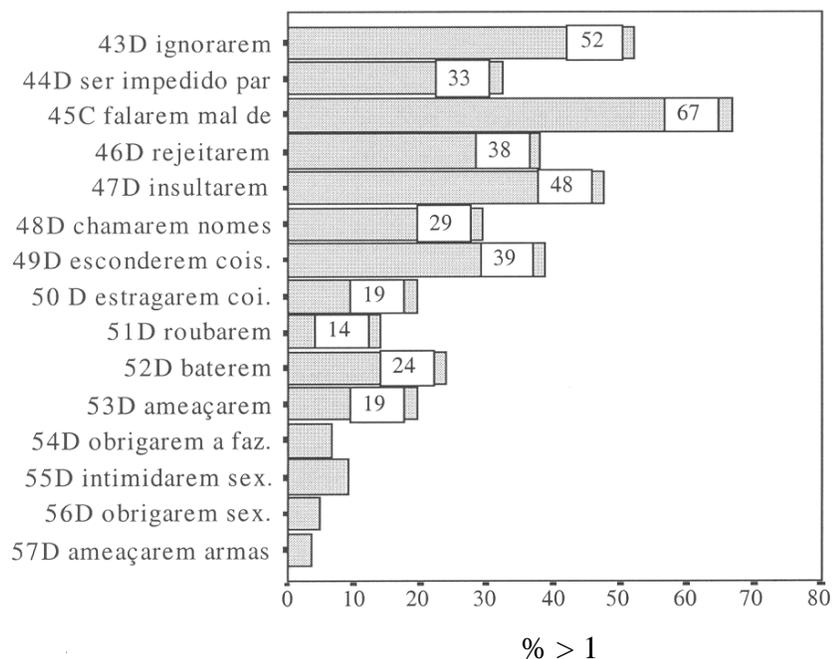
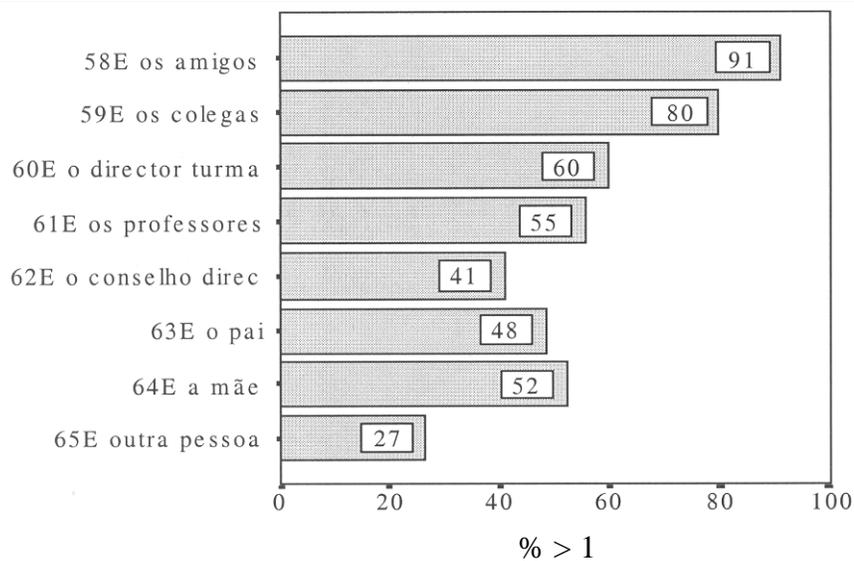


GRÁFICO 5
Pessoas que ajudam o sujeito ou com quem ele pode contar quando ocorrem situações de vitimação/agressão na escola (algumas vezes, muitas vezes ou quase sempre)



centes e de, provavelmente, existir uma tendência, com a idade, para a agressão directa (verbal ou física) diminuir ou transformar-se em agressão indirecta. De facto, os nossos resultados vão no mesmo sentido de outros estudos com adolescentes que constatam que a agressão indirecta é a mais frequente nesta faixa etária (ver Diaz-Aguado et al., 2004).

Apresenta-se em seguida o Gráfico 5 que resume as respostas referentes à questão sobre quem ajuda o jovem quando as situações de violência escolar ocorrem na escola. Mais uma vez seleccionaram-se e aglutinaram-se as alternativas de resposta *algumas vezes*, *muitas vezes* e *quase sempre*.

A leitura do Gráfico 5 indica-nos que as pessoas que mais ajudam e a quem o jovem mais recorre são os amigos e colegas seguidos dos pais e professores. Surge com algum destaque o director de turma que, na escola, é aquele que mais parece ajudar e com quem os jovens podem contar.

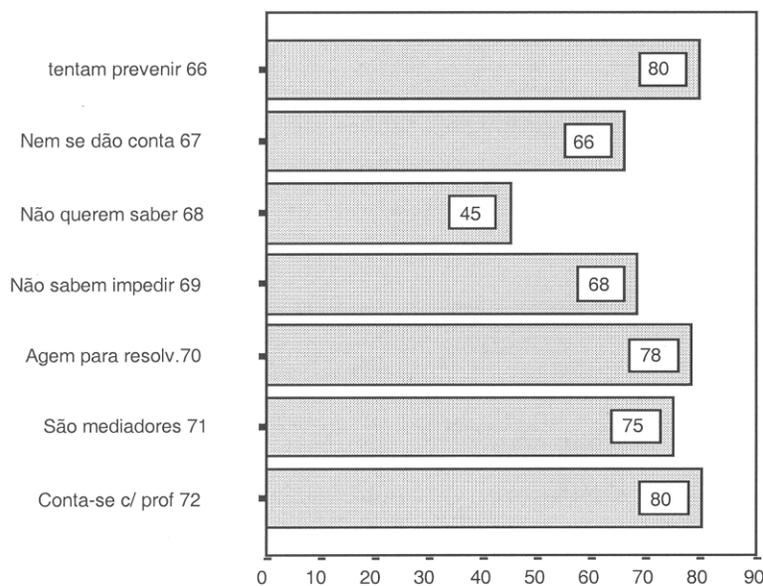
O Gráfico 6, que se apresenta de seguida, resume as respostas referentes à questão relativa às percepções dos adolescentes face ao papel dos professores quando ocorrem situações de *bullying*.

A leitura do Gráfico 6 indica-nos que a maioria dos jovens considera a possibilidade de contar com a ajuda dos professores quando ocorrem este tipo de problemas; consideram também que os professores parecem preocupados com este tipo de problemas, mas que muitos não sabem como impedi-los.

No que se refere à atitude dos próprios adolescentes quando se encontram perante este tipo de situações, o Gráfico 7 resume as respostas dos sujeitos, tendo-se, mais uma vez, aglutinado as alternativas de resposta *algumas vezes*, *muitas vezes* e *quase sempre*.

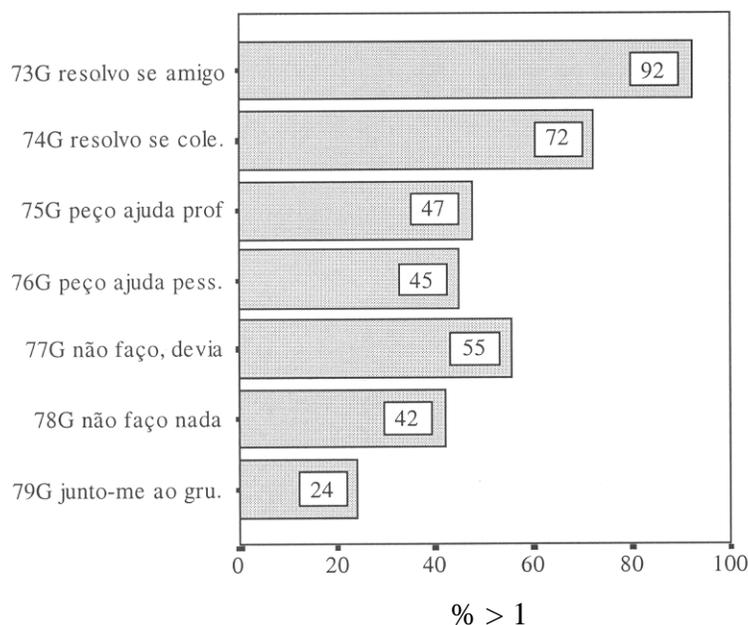
A análise do Gráfico 7 sugere que as acções mais frequentes dos jovens quando confrontados com situações de *bullying* são: tentar resolver a situa-

GRÁFICO 6
Percepção dos jovens sobre o comportamento dos professores quando confrontados com situações de vitimação/agressão na escola (algumas vezes, muitas vezes ou quase sempre)



% > 1

GRÁFICO 7
Comportamentos do sujeito quando confrontado com situações de vitimação/agressão na escola (algumas vezes, muitas vezes ou quase sempre)



ção quando se trata de um amigo (91% de respostas); tentar resolver mesmo que não seja amigo (72% de respostas); não fazer nada, embora pensem que o devam fazer (55% de respostas). Quase metade (47%) admitem pedir ajuda a um professor. As alternativas “não faço nada, o problema não é meu” (41% de respostas) e “meto-me com ele juntamente com o resto do grupo” (24% de respostas), embora menos escolhidas que as outras, estão claramente presentes.

3.3. Correlações entre os vários tipos de vitimação, agressão e observação e entre estes e os sentimentos de bem-estar com distintas pessoas e situações

Em seguida apresentam-se as correlações entre as condições “vítima de exclusão social”; “vítima de agressão física”; “agressor de exclusão social”; “agressor de agressão física”; “observador de exclusão social”; “observador de agressão menor”; “observador de agressão grave”. A fim de se

obterem estes dados específicos e parcelares referentes ao tipo de vitimação, agressão e observação de vitimação/agressão, os itens foram reagrupados da forma sugerida pelos factores resultantes da análise factorial, atrás descrita.

Efectuaram-se também correlações entre as diferentes condições e os sentimentos de bem-estar com distintas pessoas e situações (referentes aos 12 primeiros itens do questionário).

Na Tabela 4 encontram-se as correlações entre ser vítima e ser observador de vitimação/agressão na escola. A leitura da Tabela 4 indica-nos que os diferentes tipos de vitimação têm correlações significativas e elevadas entre si ($r=0,570$) e que os diferentes tipos de observação também têm correlações significativas moderadas a elevadas entre si.

A análise dos dados da Tabela 4 permite-nos também constatar que as correlações entre os diferentes tipos de vitimação e os diferentes tipos de observação são significativas e positivas, embora baixas e algumas moderadas. Destacamos as cor-

TABELA 4
Correlações (Pearson) entre as condições de vítima e de observador no QEVE

Tipos de condutas	Vítima de exclusão social	Vítima de agressão	Observador de exclusão social	Observador de agressão menor	Observador de agressão grave	Observador total	Vítima total
Vítima de exclusão social	–						
Vítima de agressão física	,570**	–					
Observador de exclusão social	,250**	,262**	–				
Observador de agressão menor	,221**	,379**	,591**	–			
Observador de agressão grave	,193**	,389**	,370**	,557**	–		
Observador total	,279**	,387**	,894**	,869**	,643**	–	
Vítima total	,909**	,861**	,285**	,321**	,320**	,368**	–

Legenda: ** A correlação é significativa ao nível 0,01

relações entre ser vítima de exclusão social e observador de exclusão social ($r=0,250$); ser vítima de agressão física e observador de agressão menor e observador de agressão grave ($r=0,379$ e $r=0,389$, respectivamente). Estes resultados parecem apontar no sentido de que alguns observadores são simultaneamente vítimas. A correlação entre o total da escala da vítima e do observador é também moderada ($r=0,368$). As correlações por nós obtidas entre a escala da vítima e do observador são superiores às encontradas por Diaz-Aguado et al. (2004).

Na Tabela 5 apresentam-se as correlações entre ser vítima e ser agressor na escola. Mais uma vez a correlação entre os diferentes tipos de agressão é significativa e elevada ($r=0,453$).

As correlações encontradas entre a condição de vítima e de agressor são positivas, significativas e moderadas, sendo algumas elevadas. Destacamos a correlação entre os dados globais da escala da vítima e do agressor ($r=0,412$); entre ser vítima de exclusão social e agressor de exclusão social ($r=0,259$); e sobretudo entre ser vítima de agressão física e ser agressor de agressão física ($r=0,452$). Estas correlações são superiores às obtidas no es-

tudo de Diaz-Aguado et al. (2004). O facto da correlação obtida entre a condição de vítima e de agressor ser significativa, positiva e razoável vai no mesmo sentido de outros estudos, com outros instrumentos (e.g., Ruiz Ortega & Mora-Merchán, 2000). Isto quer dizer que, com alguma probabilidade, muitos adolescentes experimentam simultaneamente a condição de vítima e de agressor na escola.

Na Tabela 6 apresentam-se as correlações entre a condição de agressor e observador de vitimação/agressão na escola.

Como pode ver-se pela análise da Tabela 6, as correlações são todas significativas, positivas e oscilam entre o moderado e o elevado. Destacamos as correlações entre o resultado global da escala do agressor e o resultado global da escala do observador ($r=0,460$); entre a agressão em forma de exclusão social e a observação de exclusão social ($r=0,412$); e entre a agressão física e a observação de agressão menor e observação de agressão grave ($r=0,325$ e $r=0,361$, respectivamente). Estes resultados parecem indicar que um número

TABELA 5
Correlações (Pearson) entre as condições de vítima e de agressor no QEVE

Tipos de condutas	Vítima de exclusão social	Vítima de agressão física	Vítima total	Agressor de exclusão social	Agressor de agressão física	Agressor total
Vítima de exclusão social	–					
Vítima de agressão física	,570**	–				
Vítima total	,909**	,861**	–			
Agressor de exclusão social	,259**	,349**	,334**	–		
Agressor de agressão física	,240**	,452**	,381**	,453**	–	
Agressor total	,294**	,456**	,412**	,910**	,782**	–

Legenda: ** A correlação é significativa ao nível 0,01

TABELA 6
Correlações (Pearson) entre as condições de agressor e de observador no QEVE

Tipos de condutas	Agressor de exclusão social	Agressor de agressão física	Observador de exclusão social	Observador de agressão menor	Observador de agressão grave	Agressor total	Observador total
Agressor de exclusão social	–						
Agressor de agressão física	,453**	–					
Observador de exclusão social	,412**	,179**	–				
Observador de agressão menor	,372**	,325**	,591**	–			
Observador de agressão grave	,292**	,361**	,370**	,557**	–		
Agressor total	,910**	,782**	,371**	,417**	,375**	–	
Observador total	,453**	,309**	,894**	,869**	,643**	,460**	–

Legenda: ** A correlação é significativa ao nível 0,01

razoável de observadores são também agressores.

As Tabelas 7, 8, e 9 apresentam as correlações entre as várias condições de vitimação, agressão, e observação, e o sentimento de bem estar com diferentes pessoas e situações (nos contextos da família, escola, e outros, respectivamente).

A Tabela 7 apresenta as correlações entre a condição de vítima, agressor, e observador de vitimação/agressão e o sentimento de bem-estar na família.

Como pode ver-se pela análise da Tabela 7 quase todas as correlações são negativas e significativas, embora baixas. Assim, os jovens que sofrem vitimação, agredem ou observam esse tipo de condutas parecem sentir-se menos bem em casa, e sobretudo menos bem com o pai (as correlações negativas entre condutas e sentimentos de bem-estar são ligeiramente superiores no caso do pai, comparativamente à mãe). Apenas a correlação entre ser vítima de exclusão social e o sentimento em relação à mãe não tem qualquer significado estatístico. Estas correlações são ligeiramente superiores às encontradas no estudo de Diaz-Aguado et al. (2004). Os nossos dados são indicadores de que os jovens que pior se sentem em casa, e sobretudo que pior se sentem com o pai

são, mais frequentemente que os outros, agressores, vítimas, e também observadores.

A Tabela 8 apresenta as correlações entre as várias condutas de vitimação, agressão, e observação de vitimação/agressão e o sentimento de bem estar com situações ou pessoas relacionadas com a escola.

A análise da Tabela 8 salienta que quer as vítimas, quer os agressores, quer os observadores não parecem sentir-se bem na escola, pois a maioria das correlações são negativas e significativas, oscilando entre o baixo a moderado. As vítimas, quer de exclusão social, quer de agressão física são as que se sentem pior na escola, na turma, e com os colegas, comparativamente aos outros dois grupos (agressores e observadores). A correlação negativa entre ser vítima de exclusão social e o sentimento com os colegas é das mais elevadas ($r=-0,474$).

A leitura da Tabela 8 permite-nos constatar que os agressores também parecem sentir-se mal na escola mas não tanto como as vítimas e em aspectos diferentes destas. Assim, destacamos as correlações negativas entre a condição de agressor e o sentimento com o que aprende ($r=-0,244$); com os professores ($r=-0,197$); e com os colegas ($r=-0,200$). Os observadores também se sentem menos bem

TABELA 7
Correlações (Pearson) entre as condições de vitimação, agressão, observação e os sentimentos de bem estar na família do QEVE

Tipos de conduta Sentimentos	p1 – Casa	p2 – Pai	p3 – Mãe
Vítima de exclusão social	-,135**	-,146**	-,050
Vítima de agressão física	-,116**	-,120**	-,132**
Vítima total	-,133**	-,150**	-,100*
Agressor de exclusão social	-,148**	-,202**	-,152**
Agressor de agressão física	-,127**	-,114**	-,110**
Agressor total	-,163**	-,196**	-,158**
Observador de exclusão social	-,227**	-,217**	-,138**
Observador de agressão menor	-,236**	-,180**	-,122**
Observador de agressão grave	-,161**	-,141**	-,116**
Observador total	-,261**	-,239**	-,164**

Legenda: * A correlação é significativa ao nível 0,05

** A correlação é significativa ao nível 0,01

TABELA 8

Correlações (Pearson) entre as condições de vitimação, agressão, observação e os sentimentos de bem estar relacionados com a escola, do QEVE

Tipos de conduta / Sentimentos	p4 Escola	p5 Turma	p6 Professores	p7 Aprendes	p9 Colegas
Vítima de exclusão social	-,337**	-,357**	-,103*	-,142**	-,474**
Vítima de agressão física	-,216**	-,213**	-,040	-,105*	-,281**
Vítima total	-,315**	-,327**	-,083	-,138**	-,433**
Agressor de exclusão social	-,182**	-,129**	-,225**	-,251**	-,213**
Agressor de agressão física	-,091*	-,041	-,084*	-,144**	-,105*
Agressor total	-,171**	-,110**	-,197**	-,244**	-,200**
Observador de exclusão social	-,177**	-,186**	-,197**	-,169**	-,227**
Observador de agressão menor	-,179**	-,096*	-,075	-,171**	-,107*
Observador de agressão grave	-,146**	-,087*	-,075	-,171	-,062
Observador total	-,204**	-,173**	-,157**	-,185**	-,195**

Legenda: * A correlação é significativa ao nível 0,05

** A correlação é significativa ao nível 0,01

TABELA 9

Correlações (Pearson) entre as condições de vitimação, agressão, observação e os sentimentos de bem estar com outras pessoas ou situações, do QEVE

Tipos de conduta / Sentimentos	p8 Amigos	p10 Tempos livres	p11 Contigo	p12 Futuro
Vítima de exclusão social	-,291**	-,095*	-,226**	-,160**
Vítima de agressão física	-,202**	-,080	-,135**	-,077
Vítima total	-,287**	-,093*	-,201**	-,135**
Agressor de exclusão social	-,118**	-,109**	-,209**	-,172**
Agressor de agressão física	-,086*	-,082	-,090*	-,061
Agressor total	-,124**	-,115**	-,190**	-,149**
Observador de exclusão social	-,092*	-,134**	-,156**	-,205**
Observador de agressão menor	-,018	-,148**	-,167**	-,081
Observador de agressão grave	-,017	-,060	-,114**	-,096*
Observador total	-,068	-,140**	-,176**	-,165**

Legenda: * A correlação é significativa ao nível 0,05

** A correlação é significativa ao nível 0,01

na escola na medida em que as correlações obtidas foram negativas, porém com valores inferiores aos das vítimas.

Estes dados são similares aos obtidos por Diaz-Aguado et al. (2004) e tal como a autora verificamos que as correlações negativas mais elevadas foram entre a condição de vítima e o sentimento de bem-estar na escola ($r=-0,315$), na turma ($r=-0,327$) e com os colegas ($r=-0,433$).

A Tabela 9 apresenta as correlações entre as condutas de vitimação, agressão, e observação de vitimação/agressão e os sentimentos de bem estar com outras pessoas ou situações, que não a família, nem a escola (com os amigos, tempos livres, consigo próprio e com o futuro).

A análise da Tabela 9 fornece indicações no sentido de que as correlações significativas e negativas baixas a moderadas ocorrem sobretudo nas relações entre as 3 condições e os sentimentos com os amigos e consigo próprio. As vítimas, e sobretudo as vítimas de exclusão social são as que pior se sentem com os amigos ($r=-0,291$) e consigo próprias ($r=-0,226$). Os agressores propriamente ditos não parecem sentir-se mal nestas 4 situações,

pois as correlações ou são próximas de zero ou são significativas mas muito baixas. Apenas os agressores de exclusão social parecem sentir-se mal consigo próprios ($r=-0,209$) e pior que os agressores físicos nas restantes situações.

Estes dados são similares aos encontrados por Diaz-Aguado et al. (2004). O facto de encontrarmos alguma evidência no sentido das vítimas não se sentirem bem consigo próprias, é um dado coerente com o facto de muitos autores terem evidenciado que as vítimas tendem a ter uma auto-estima baixa e uma saúde frágil (e.g., Egan & Perry, 1998).

3.4. Vitimação, agressão e variáveis sociodemográficas

Examinaremos em primeiro lugar as diferenças nas várias condutas de vitimação e de agressão em função do género.

A Tabela 10 apresenta as estatísticas descritivas relativas às condutas de vitimação e agressão em função do género (médias e desvios padrão). A leitura da Tabela 10 indica-nos que as médias

TABELA 10
Tipos de vitimação e agressão em função do género (médias e desvios padrão) no QEVE

Tipo de conduta	Sexo dos sujeitos	N	Média	Desvio padrão
<i>Vítima de exclusão social</i>	Masculino	281	8,28	2,67
	Feminino	284	7,93	1,82
<i>Vítima de agressão física</i>	Masculino	278	10,20	2,29
	Feminino	278	9,87	1,26
<i>Vítima total</i>	Masculino	274	18,47	4,55
	Feminino	276	17,80	2,50
<i>Agressor de exclusão social</i>	Masculino	279	9,39	2,50
	Feminino	285	9,16	1,77
<i>Agressor de agressão física</i>	Masculino	281	8,55	1,91
	Feminino	285	8,13	0,65
<i>Agressor total</i>	Masculino	276	17,95	3,87
	Feminino	284	17,29	2,05

obtidas pelos rapazes são ligeiramente superiores às das raparigas, em todas as condições de vitimação e agressão, e os desvios padrão tendem também a ser maiores nos rapazes do que nas raparigas.

A fim de saber se as diferenças entre sexos eram significativas, aplicámos o teste T para amostras independentes. A aplicação do referido teste estatístico informou-nos de que as diferenças entre géneros, no que respeita a ser vítima e agressor de exclusão social, não eram estatisticamente significativas. As diferenças estatisticamente significativas foram as relativas à agressão física, quer no papel de vítima, quer no papel de agressor, que são significativas ao nível 0,05, no sentido de que os rapazes tendem a ser mais vítimas e mais agressores, no que respeita à agressão física, do que as raparigas. Este dado vai sensivelmente no mesmo sentido do que numerosos outros estudos, com outros instrumentos, têm constatado (e.g., Olweus, 1999a, 1999b).

No que se refere à exclusão social e agressão verbal as diferenças encontradas (também com resultados superiores nos rapazes) não foram estatisticamente significativas, contrariamente ao que alguns estudos sugeriam (e.g., Crick, 1997, 2000). Isto é, as raparigas do nosso estudo não exibem

mais vitimação, nem mais agressão, do tipo indirecto ou exclusão social, do que os rapazes. Esta discrepância entre os resultados dos outros autores e os nossos, pode dever-se aos diferentes instrumentos utilizados. Os autores que encontraram evidência no sentido das raparigas exibirem mais agressão indirecta do que os rapazes utilizaram questionários de nomeação de pares, enquanto que os dados que estamos a referir provêm de um questionário de comportamentos referidos pelo próprio.

Em seguida examinaremos as diferenças entre vitimação e agressão em função do nível de escolaridade.

A Tabela 11 apresenta as médias e desvios padrão obtidos nos diferentes tipos de condutas de vitimação em cada um dos três níveis de escolaridade estudados.

A análise dos dados da Tabela 11 informa-nos que as médias tendem a ser superiores no 7.º ano de escolaridade, seguindo-se o 9.º ano e só depois o 11.º ano. Isto é, os dados apontam no sentido de uma diminuição dos dois tipos de vitimação à medida que se avança no nível de escolaridade, de acordo com os dados de outros estudos. Os desvios padrão tendem também a ser superiores nos níveis de escolaridade mais baixos.

TABELA 11
Tipos de vitimação em função do nível de escolaridade (médias e desvios padrão) no QEVE

Tipos de Vitimação	Nív. esc.	N	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
<i>Vítima de exclusão social</i>	7.º ano	193	8,54	2,86	6	22
	9.º ano	204	8,03	2,00	6	22
	11.º ano	168	7,70	1,73	6	20
	Total	565	8,11	2,29	6	19
<i>Vítima de agressão física</i>	7.º ano	187	10,35	2,54	9	33
	9.º ano	202	10,02	1,57	9	21
	11.º ano	167	9,70	1,07	9	17
	Total	556	10,04	1,86	9	33
<i>Vítima total</i>	7.º ano	185	18,90	4,92	15	54
	9.º ano	199	18,03	3,00	15	39
	11.º ano	166	17,39	2,45	15	33
	Total	550	18,13	3,68	15	54

A fim de verificarmos se as diferenças na vitimação entre os níveis de escolaridade eram estatisticamente significativas, aplicou-se o teste estatístico ANOVA, seguido de um teste Tukey de comparações múltiplas, que permitirá discriminar quais as diferenças entre os vários níveis de escolaridade, nos dois tipos de vitimação, que serão estatisticamente significativas. Assim, no que respeita à vitimação resultante de exclusão social, o efeito do nível de escolaridade é estatisticamente significativo, $F(2, 562)=6,394$; com p menor que 0,05; bem como no que respeita à vitimação resultante de agressão física, $F(2, 553)=5,442$; com p menor que 0,05; e naturalmente também no que respeita à vitimação total, $F(2, 547)=7,678$; com p menor que 0,05.

A aplicação do teste Tukey de comparações múltiplas evidencia que apenas são estatisticamente significativas, ao nível 0,05, as diferenças entre o 7.º ano e o 11.º ano, tanto ao nível da vitimação de exclusão social, quanto ao nível da vitimação de agressão física. As diferenças entre o 7.º ano e o 9.º ano, e entre o 9.º ano e o 11.º ano, não são estatisticamente significativas, ao nível 0,05. Embora esperássemos um decréscimo mais acentuado nas condutas de vitimação, sobretudo na vitimação física, com o nível de escolaridade, estes

resultados vão no mesmo sentido de numerosos outros estudos, com outros instrumentos, que apontam no sentido de um decréscimo da vitimação com o nível de escolaridade, em particular um decréscimo da vitimação resultante de agressão física, durante os anos da adolescência (e.g., Olweus, 1997; Smith et al., 1999; Whitney & Smith, 1993).

A Tabela 12 apresenta as médias e os desvios padrão obtidos nos diferentes tipos de condutas de agressão em cada um dos três níveis de escolaridade estudados.

A análise dos dados da Tabela 12 indica-nos que as médias obtidas nas condutas de agressão tendem a ser superiores no 7.º ano, seguindo-se as do 9.º ano, e depois as do 11.º ano. Isto é, os dados apontam no sentido de um decréscimo das condutas de agressão, quer ao nível da exclusão social, quer ao nível da agressão física, com o nível de escolaridade.

A fim de verificarmos se as diferenças nas condutas de agressão relacionadas com os diferentes níveis de escolaridade, eram estatisticamente significativas, aplicou-se o teste estatístico ANOVA, seguido do teste Tukey de comparações múltiplas, que permitirá discriminar quais as diferenças entre os vários níveis de escolaridade que são significativas, relativamente às várias condutas

TABELA 12
Tipos de agressão em função do nível de escolaridade (médias e desvios padrão) no QVEVE

Tipos de Agressão	Nív. esc.	N	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
<i>Agressor de exclusão social</i>	7.º ano	194	9,54	2,65	7	23
	9.º ano	203	9,25	1,88	7	16
	11.º ano	167	9,01	1,79	7	17
	Total	564	9,28	2,16	7	23
<i>Agressor de agressão física</i>	7.º ano	194	8,61	1,90	8	29
	9.º ano	206	8,19	0,58	8	11
	11.º ano	166	8,20	1,50	8	27
	Total	566	8,34	1,43	8	29
<i>Agressor total</i>	7.º ano	193	18,16	4,02	15	52
	9.º ano	202	17,44	2,14	15	25
	11.º ano	165	17,19	2,76	15	44
	Total	560	17,61	3,10	15	52

de agressão. Assim, no que se refere à agressão do tipo exclusão social, o efeito do nível de escolaridade não é estatisticamente significativo, $F(2, 561) = 2,798$, $p = 0,062$; no que se refere à agressão física, o nível de escolaridade tem um efeito significativo, $F(2, 563) = 5,476$, com p menor que 0,05, o que torna as diferenças nos totais da agressão também significativas.

A aplicação do teste Tukey de comparações múltiplas revela que apenas são estatisticamente significativas as diferenças entre o 7.º ano e o 9.º ano, e o 7.º ano e o 11.º ano, ao nível da agressão física, a qual parece assim diminuir com o nível de escolaridade. No que respeita à agressão do tipo exclusão social, ou agressão indirecta, parece haver um ligeiro decréscimo do 7.º ano para o 11.º ano, mas não muito significativo.

Em suma, os resultados apontam no sentido de uma diminuição da agressão física à medida que se avança no nível de escolaridade, sendo essa diminuição menos evidente no que respeita à agressão indirecta ou exclusão social, que aparenta ser mais estável, parecendo apresentar apenas uma ligeira tendência para diminuir do 7.º ano para o 11.º ano de escolaridade.

Estes resultados apontam no sentido da estabilização da agressão indirecta. A diminuição da

agressão física directa no 11.º ano pode também relacionar-se com o abandono escolar que é relativamente frequente nos agressores de tipo físico, de acordo com vários estudos. Contudo, a agressão física diminuiu também, de forma estatisticamente significativa, entre o 7.º ano e o 9.º ano de escolaridade.

Examinaremos ainda a relação entre as condutas de vitimação e agressão e o nível socioeconómico (tendo-se considerado 3 grupos: baixo, médio e alto).

A Tabela 13 apresenta as condutas de vitimação em função do nível socioeconómico (médias e desvios padrão). A fim de testar se as diferenças eram estatisticamente significativas aplicou-se o teste ANOVA, que revelou que o efeito do nível socioeconómico não é estatisticamente significativo, nem para a vitimação de exclusão social, $F(2, 514) = 2,030$, $p = 0,132$; nem para a vitimação resultante de agressão física, $F(2, 507) = 2,049$; $p = 0,130$.

A Tabela 14 apresenta as médias e os desvios padrão nas condutas de agressão em relação com o nível socioeconómico. A aplicação do teste ANOVA revelou que as diferenças não são estatisticamente significativas, isto é, o efeito do nível socioeconómico não é estatisticamente significativo nem para a agressão do tipo exclusão social, $F(2, 513) =$

TABELA 13

Tipos de vitimação em função do nível socioeconómico (médias e desvios padrão) no QEVE

Tipos de Vitimação	Nív. so-eco.	N	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
<i>Vítima de exclusão social</i>	baixo	228	8,15	2,27	6	22
	médio	238	8,15	2,42	6	21
	alto	51	7,47	1,85	6	16
	Total	517	8,09	2,31	6	22
<i>Vítima de agressão física</i>	baixo	228	10,21	2,14	9	33
	médio	231	9,97	1,66	9	21
	alto	51	9,67	1,24	9	17
	Total	510	10,05	1,92	9	33
<i>Vítima total</i>	baixo	222	18,37	4,07	15	54
	médio	231	18,12	3,61	15	39
	alto	51	17,14	2,88	15	33
	Total	504	18,13	3,77	15	54

TABELA 14
Tipos de agressão em função do nível socioeconómico (médias e desvios padrão) no QEVE

Tipos de Agressão	Nív. Soci.	N	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
<i>Agressor de exclusão social</i>	Baixo	230	9,37	2,45	7	23
	Médio	236	9,15	1,89	7	16
	Alto	50	9,06	2,15	7	17
	Total	516	9,24	2,18	7	23
<i>Agressor de agressão física</i>	Baixo	232	8,43	1,67	8	29
	Médio	236	8,24	,751	8	16
	Alto	50	8,46	2,69	8	27
	Total	518	8,35	1,48	8	29
<i>Agressor total</i>	Baixo	228	17,79	3,65	15	52
	Médio	234	17,39	2,23	15	30
	Alto	50	17,52	4,31	15	44
	Total	512	17,58	3,16	15	52

0,738, $p=0,479$; nem para a agressão física $F(2, 515)=1,166$, $p=0,312$.

Em suma, não parece existir relação entre as várias condutas de vitimação/agressão e o nível socioeconómico. Estes resultados vão no mesmo sentido dos resultados obtidos por alguns autores, que não encontraram relação entre o nível socioeconómico e o envolvimento no *bullying* (e.g., Olweus, 1997).

4. CONCLUSÕES E DISCUSSÃO

A nossa investigação colocou em evidência que o problema da vitimação e agressão entre adolescentes está presente nas escolas portuguesas, comprometendo o bom relacionamento entre pares. Podemos também afirmar que os problemas de agressão e de vitimação entre adolescentes, apesar de não atingirem frequências elevadas, comparativamente a outros estudos, estão presentes nas escolas básicas e secundárias de uma cidade do Norte Alentejo, de forma similar ao que ocorre em outros países europeus. Constatámos ainda que este tipo de problemas perturba a vida escolar e a boa convivência entre os adolescentes, tendo em conta as correlações encontradas entre as condições de ví-

tima, agressor e outras variáveis do contexto escolar.

Os tipos de vitimação e de agressão mais frequentemente registados pelos alunos remetem para um tipo indirecto ou relacional em que predomina a exclusão social. Referimo-nos em particular às condutas “falar mal de” e “ignorar”; seguidas da conduta “esconder coisas” e depois da agressão verbal (“insultar”). O facto da exclusão social ou agressão indirecta surgir em primeiro lugar no nosso estudo, contrariamente a outros em que é a agressão verbal que surge em primeiro lugar (e.g., Whitney & Smith, 1993) pode relacionar-se com o facto de utilizarmos sujeitos mais velhos na nossa amostra. Com adolescentes, mais do que com crianças, outros autores têm também verificado que a agressão indirecta tende a ser a mais frequente (ver Diaz-Aguado et al., 2004).

Quando as situações de agressão e/ou vitimação ocorrem, os jovens preferem pedir ajuda a um amigo ou colega, seguidos pelos familiares (mãe e depois pai), e depois pelos professores (destacando-se o director de turma como o mais disponível). A maioria dos adolescentes admite recorrer *algumas* vezes a um professor.

A maioria dos jovens considera que muitos dos professores se preocupam com este tipo de pro-

blemas. Contudo, consideram também que os professores nem sempre sabem como impedir estes problemas, embora *algumas vezes* façam algo para os prevenir e impedir. No que se refere ao comportamento do próprio, quando confrontado com situações de vitimação/agressão, uma grande maioria dos adolescentes tenta resolver a situação se se trata de um amigo seu ou de um colega. Porém, cerca de metade pensa que não deve fazer nada e cerca de um quarto admite mesmo juntar-se ao grupo e participar no *bullying*. Estes resultados põem em evidência que os papéis de cúmplice passivo e activo são vividos com uma frequência razoável no contexto escolar. Estas tendências vão no mesmo sentido das que foram encontradas por Diaz-Aguado et al. (2004) com adolescentes madrilenos. Estes dados salientam ainda a necessidade de, em programas de prevenção, se dirigir as intervenções não só aos potenciais agressores e vítimas, mas também a todo o grupo e às atitudes dos alunos face a este tipo de situações.

Constatou-se a existência de correlações positivas razoáveis entre as escalas da vítima, do agressor e do observador. Este facto parece indicar que muitos adolescentes experimentam simultaneamente a condição de vítimas, agressores e observadores, dado que é coerente com os estudos de outros autores (Ruiz Ortega & Mora-Merchán, 2000).

A maioria das vítimas e dos agressores, não parecem sentir-se bem na escola, porém são as vítimas que pior se sentem, em particular com os colegas, na turma, e na escola em geral, dado que é congruente com o facto da vitimação ocorrer no contexto escolar. Os agressores são os que pior se sentem com a aprendizagem e com os professores. São também as vítimas que pior se sentem com os amigos, com os colegas e consigo próprios, dado que é coerente com os estudos que verificaram que as vítimas têm baixa auto-estima (e.g., Egan & Perry, 1998). Os agressores não parecem sentir-se mal com os amigos, nem consigo próprios, com excepção para os agressores do tipo relacional que exibem condutas de exclusão social. Tanto as vítimas, como os agressores parecem sentir-se menos bem com o pai, mas as correlações, embora negativas, são baixas.

No que respeita às relações entre a vitimação, a agressão e as variáveis sociodemográficas, constatámos que os rapazes tendem a envolver-se mais,

quer em condutas de vitimação, quer de agressão, sobretudo de tipo físico. Contudo não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os sexos no que se refere à vitimação e agressão do tipo exclusão social e verbal. Estes dados são consistentes com os obtidos por outros autores (e.g., Loeber & Hay, 1997; Olweus, 1997; Whithney & Smith, 1993).

No que se refere ao nível de escolaridade, verifica-se uma tendência para a diminuição da vitimação, quer do tipo exclusão social, quer do tipo físico, dado que vai no mesmo sentido de outros estudos. Verifica-se também uma diminuição da agressão física entre o 7.º ano e os 9.º e 11.º anos de escolaridade, ao mesmo tempo que se constata uma certa estabilidade da agressão do tipo exclusão social ao longo dos 3 anos de escolaridade. Estes resultados sugerem que o desenvolvimento de competências sociais durante a adolescência poderão explicar parte do decréscimo deste tipo de condutas (ver Diaz-Aguado et al., 2004; Smith et al., 1999).

Não se verificou nenhuma relação entre o nível socioeconómico e qualquer tipo de conduta, quer de vitimação, quer de agressão. Este resultado não nos surpreende, pois embora uma das escolas esteja localizada num bairro social, nenhuma das escolas estudadas serve bairros degradados em situação de pobreza extrema e, além disso, é coerente com os dados obtidos por Olweus (1997).

O padrão de resultados que obtivemos com o questionário de exclusão social e violência escolar foi bastante similar ao obtido por Diaz-Aguado et al. (2004) com de 826 adolescentes da região de Madrid. Salientamos apenas algumas diferenças: as nossas percentagens relativas às condutas de vitimação e agressão foram ligeiramente mais baixas que as encontradas pela referida autora, sobretudo nos itens referentes a vitimação e agressão graves, aspecto que pode explicar-se pela diferente dimensão urbana das cidades onde decorreram as duas investigações; no nosso estudo foram mais nítidas as diferenças entre rapazes e raparigas (no sentido dos primeiros se envolverem mais neste tipo de condutas); no nosso estudo parecem existir mais jovens que experimentam simultaneamente a condição de vítima e agressor (dadas as correlações obtidas entre as duas subescalas).

Os estudos realizados na última década e os dados empíricos por nós obtidos, sugerem a neces-

cidade de se elaborar e implementar programas de intervenção eficazes para prevenir este tipo de problemas. Os programas de intervenção deverão, sempre que possível, envolver a comunidade, a organização escolar, as turmas, as práticas pedagógicas, e sobretudo, deverão dirigir-se mais aos grupos que aos indivíduos. Isto porque vários são os indicadores a sugerir que a agressão em contexto escolar é um fenómeno grupal, no qual a condição de vítima e de agressor nem sempre são independentes uma da outra (Martins, 2003; Salmivalli et al., 1998).

REFERÊNCIAS

- Almeida, A., & Del Bairro, C. (2002). A vitimização entre companheiros em contexto escolar. In C. Machado, & R. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crime*, Vol. 2 – crianças. Coimbra: Quarteto.
- American Psychiatric Association (1995). *Diagnostic and statistical manual of mental disorder* (4th ed.). Washington, DC: Author.
- Craig, W., & Pepler, D. (2000). Observations of bullying and victimization in the school yard. In W. Craig (Ed.), *Childhood social development. The essential readings*. London: Blackwell.
- Coie, J. D., & Dodge, K. (1998). Aggression and antisocial behaviour. In W. Damon, & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of Child Psychology. Social and Emotional, and Personal Development* (Vol. 3, 5th ed.). New York: John Wiley & Sons.
- Crick, N. R. (1997). Engagement in gender normative versus no normative forms of aggression: links to social-psychological adjustment. *Developmental Psychology*, 33 (4), 610-617.
- Crick, N. R. (2000). Engagement in gender normative forms of aggression: links to social-psychological adjustment. In W. Craig (Ed.), *Childhood Social Development. The Essential Readings*. London: Blackwell.
- Crick, N. R., & Dodge, K. A. (1999). Debate – ‘Superiority’ is in the eye of the beholder: A Comment on Sutton, Smith and Swettenham. *Social Development*, 8 (1), 128-131.
- Diaz-Aguado, M., Royo, P., Segura, M., & Andrés, M. (1996). *Programas de educación para la tolerancia y prevención de la violencia en los jóvenes*. 4 volúmenes y un vídeo. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales.
- Diaz-Aguado, M. J., Arias, R., & Seoane, G. (2004). *Prevención de la violencia y lucha contra la exclusión desde la escuela*. 3 volúmenes e um vídeo. Madrid: Instituto de Juventud.
- Egan, S. K., & Perry, D. G. (1998). Does low self-regard invite victimization? *Developmental Psychology*, 34 (2), 299-309.
- Loeber, R., & Hay, D. (1997). Key issues in the development of aggression and violence from childhood to early adulthood. *Annual Review of Psychology*, 48, 371-410.
- Martins, M. J. D. (2003). *Agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar. Variáveis sociodemográficas, psicossociais e sociocognitivas*. Dissertação de doutoramento não publicada apresentada na Universidade da Extremadura (Espanha).
- Martins, M. J. D. (2003a). *Agressão e vitimação entre pares na adolescência em contexto escolar*. Poster apresentado no V Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Lisboa: Associação Portuguesa de Psicologia.
- Olweus, D. (1995). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, 12 (4), 495-511.
- Olweus, D. (1999a). Sweden. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-tas, D. Olweus, R. Catalano, & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A cross-national perspective*. London: Routledge.
- Olweus, D. (1999b). Norway. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-tas, D. Olweus, R. Catalano, & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A cross-national perspective*. London: Routledge.
- Salmivalli, C., Lappalainen, M., & Lagerspetz, K. (1998). Stability and change of behavior in connection with bullying in schools: a two year follow-up. *Aggressive Behavior*, 24, 205-218.
- Roland, E., & Idsoe, T. (2001). Aggression and Bullying. *Aggressive Behavior*, 27, 446-462.
- Simões, M. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes progressivas regressivas de Raven*. Coimbra: Dissertação de doutoramento apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Smith, P. K., & Brain, P. (2000). Bullying in schools: Lessons from two decades of research. *Aggressive Behavior*, 26, 1-9.
- Smith, P. K., & Morita, Y. (1999). Introduction. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A cross-national perspective*. London: Routledge.
- Smith, P. K., Madsen, K., & Moody, J. (1999). What causes the age decline in reports of being bullied at school? Towards a developmental analysis of risks of being bullied. *Educational Research*, 41 (3), 267-285.
- Smith, P. K., Morita, Y., Junger-Tas, J., Olweus, D., Catalano, R., & Slee, P. (Eds.) (1999). *The nature of school bullying. A cross-national perspective*. London: Routledge.
- Smith, P. K., & Sharp, S. (Eds.) (1995). *School bullying. Insights and perspectives*. London: Routledge.

- Sutton, J., Smith, P. K., & Swettenham, J. (1999). Debate – Bullying and “Theory of Mind”: A critique of the “Social skills deficit” view of anti-social behaviour. *Social Development*, 8 (1), 117-127.
- Whitney, I., & Smith, P. K. (1993). A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools. *Educational Research*, 35 (1), 3-25.

RESUMO

Este estudo apresenta dados que permitem conhecer a frequência de vários tipos de condutas de agressão e vitimação – físico, verbal e indirecto ou relacional – ocorridos entre adolescentes que frequentavam as escolas básicas 2/3 e as escolas secundárias do ensino oficial de uma cidade do Norte Alentejo. O estudo compara a frequência dos tipos de agressão/vitimação (*bullying*) que ocorrem entre géneros; entre três níveis de escolaridade e entre três níveis socioeconómicos com base nos resultados obtidos a partir de um questionário de com-

portamentos referidos pelo próprio (*self-report*). Os resultados obtidos são ainda comparados com os resultados obtidos por outros estudos europeus sobre este tema.

Palavras-chave: Agressão/vitimação, *bullying*, violência escolar.

ABSTRACT

This study presents data that allowed knowing the frequency of several types of bullying (aggression and victimization) – physical, verbal and indirect or relational – that occurred between adolescents who attend the middle and secondary schools of a city in the south-east of Portugal. The study compares the frequency and types of bullying, obtained through a self-report, and related them with sex, three levels of education and three socio-economic levels. The results of this study are also compared with the results from other European studies about this theme.

Key words: Aggression, victimization, bullying, school violence.